

**A periferia e suas bandeiras de luta: a importância do protagonismo  
“marginal” na literatura de Manaus/AM**

**The periphery and its struggle flags: the importance of “marginal” protagonism  
in the literature of Manaus/AM**

Jalna Gordiano<sup>1</sup>

*Escritora marginal. Tem publicações de poesia, novela e dramaturgia. É bacharel em Serviço Social (Uninorte, 2021) e especialista em Gestão do SUAS (Faveni, 2022)*

**Resumo**

Debater a literatura periférica de viés marginal, realizada a partir da experiência das ruas e do caos da vida, é ato de alto valor e interesse social. E, justamente, um dos preceitos de atuação dos assistentes sociais, diz que é dever da profissão seguir um “projeto vinculado ao processo de construção de uma nova ordem societária, sem dominação, exploração de classe, etnia e gênero” (art. VIII do Código de Ética do Serviço Social). Partindo do pressuposto, foi por meio de pesquisa bibliográfica e etnográfica que se refletiu sobre mudanças no tecido social ocorridas por meio da agitação causada pela literatura de periferia/marginal. A proposta foi tratar sobre o que é literatura e seus desdobramentos, até chegarmos ao significado da escrita periférica, que tomou lugar definitivo na cultura do Estado.

**Palavras-chave:** Literatura periférica; Literatura marginal; Direitos humanos; Amazônia.

**Abstract**

Debating peripheral literature with a marginal bias, carried out from the experience of the streets and the chaos of life, is an act of high value and social interest. And, precisely, one of the precepts of action of social workers, says that it is the duty of the profession to follow a “project linked to the process of building a new societal order, without domination, exploitation of class, ethnicity and gender” (art. VIII – Code of Ethics for Social Work). Starting from the presupposition, it was through bibliographical and ethnographic research that we reflected on changes in the social fabric that occurred through the agitation caused by the periphery/marginal literature. The proposal was to deal with what literature is and its consequences, until we reach the meaning of peripheral writing, which has taken a definitive place in the culture of the State.

**Keywords:** Peripheral literature; Marginal literature; Human rights; Amazon.

**Introdução**

A contista e romancista Márcia Antonelli, mulher trans, escritora e ativista da área de literatura, moradora de Manaus, capital do Amazonas, concedeu entrevista ao Canal Três, portal de notícias do Estado, dia 12 de abril de 2022 (BRANDÃO, 2022). O diálogo com a pessoa que a entrevistou veio a se dar no contexto do trabalho e das vivências de Márcia no âmbito da chamada literatura de periferia manauense, também identificada como literatura marginal. No decorrer do encontro, temáticas inerentes a pautas

identitárias também foram ponderadas e, em certa altura da conversa, a escritora afirmou: “[...] a literatura trans deveria ser mais atuante em termos amplos e receber mais apoio”.

Esta, entre tantas outras frases destacadas, foi de relevante interesse ao público da área em geral. E não apenas o público da área de literatura, diga-se de passagem, mas a todo um conjunto de professores, ativistas, literatos e trabalhadores da arte escrita. Entretanto, principalmente essa sentença em destaque acabou sendo alvo de um quiproquó nas redes sociais, o qual, saliente, mostrou-se importante para a constituição das reflexões contidas neste ensaio, as quais dizem respeito ao *post* de uma seguidora.

Importa sublinhar esse *post* porque foi feito logo em sequência à postagem nas redes sociais com o link da matéria jornalística destacando a entrevista com Márcia e trouxe comentários do tipo: “[...] O que é literatura trans? Pergunto por que, no meu entender, literatura é literatura e pronto! Essa moda atual de literatura feminina, literatura masculina, gay, literatura do morro, literatura negra, etc... É só uma pergunta, quero entender”.

Acerca do recorte, é mister ponderar que, para mim e para todos nós, do *front* da literatura periférica, quando nos deparamos com um questionamento desse naipe, não raro somos tocados pelo signo da indignação. E com alguma razão, pois é perceptível no enunciado descrito certo tom de desrespeito à conceituação atribuída por Márcia ao próprio trabalho. Ademais, mesmo que não tenha sido essa a intenção objetiva da comentarista, foi o que deu a transparecer dentro da objetividade e da subjetividade de sua afirmativa.

Assim sendo, considerando o suposto, é sugestivo tecer algumas palavras sobre o ocorrido, de modo didático e democrático, pensando acerca do porquê de se afirmar uma literatura trans, atuante, distinta da literatura de favela, da literatura negra, da literatura feminina, da literatura indígena, de literatura feminista etc. E ainda: outra questão a ser argumentada em relação ao escrito pela comentarista é “por que incomoda tanto utilizar especificações quando se nomeia a própria arte?”.

Ora, para que eu almeje posicionamentos sobre essa nuance interessa dar ênfase ao fato do que vem a ser a tal “literatura de fora do eixo” e quais seus desdobramentos no cerne da revolução causada por essa escrita periférica na cultura do Amazonas, exemplificando-se acerca da importância do hasteamento de bandeiras sociais em ambientes artísticos e em especial no ofício de escrever.

## **Discussão**

### **A arte personifica a luta de classes**

Por suposto, é preciso pontuar em primeiro plano que a luta de classes se molda de acordo com o antagonismo de ideias em defesa dos próprios interesses. É uma grande luta, existente desde sempre, está assumida em razão de conflitos históricos entre burguesia e proletariado, sendo exatamente essa a disputa que movimenta grande parte, se não a maior parte, das mudanças sociais (MARX, 2013). Dessa forma, entendo que a defesa de determinados posicionamentos torna-se indispensável para ambos os lados — sobretudo para o lado da periferia — e uma das formas mais eficientes para se expor um tipo de escolha matricial é ancorada por meio das artes da escrita.

Candido (1995), sobre o destaque, já assinalou o seguinte: “[...] é nas caricaturas dos jornais e das revistas onde o esfarrapado e o negro não são mais temas prediletos das piadas, porque a sociedade sentiu que eles podem ser um fator de rompimento do estado de coisas” (p. 92). Em bom entendimento, o autor quis dizer que, durante todo o trajeto da história da humanidade, a arte da escrita está a ser utilizada para registrar questões da sociedade e contribuir diante das transformações sociais. Ou seja, é pela via expressa do artístico comum que se consegue debater posicionamentos políticos a partir do olhar de determinados grupos.

Por conta disso, relembro Paulo Freire (1983), quando afirmar ser lúcido reconhecer que o ato de fazer literatura é algo político e sua base ideológica ou é inclusiva ou excludente, não existindo neutralidade. A literatura, segundo Freire (1987), é uma atividade elitista desde a Idade Medieval, quando apenas pessoas ricas conseguiam acesso à educação traduzida dentro de monastérios, e desde lá tem sido difícil produzir uma arte *aqui de baixo*. Porém, a situação vem sendo alterada positivamente nos últimos 20 anos no Brasil em geral, incluindo-se o Amazonas.

Veja bem que, ao utilizar o termo *aqui de baixo*, refiro-me à figura de uma base piramidal, capitalista, que esmaga a classe trabalhadora. Não trato de uma escala qualitativa de produção literária em geral com a noção de *aqui de baixo*. Com relação a isso, destaco por hora somente o trabalho de escritos periféricos, marginais, os quais se sobressaem ante quem tem acesso facilitado à educação, principalmente por desenvolverem atividades de maneira coletiva e com meios próprios para a consolidação artística, e isso ocorre seja nas artes cênicas, na música, na dança, na pintura ou na literatura.

Especificamente no que concerne à literatura periférica, existe a ideia de que fazê-la é só um processo de escrita e composição, e nada mais. Ora, o livro está ali, depois de tanto esforço para compô-lo e editorá-lo, e pouco importa como o/a escritor/a fará para comercializar o produto, para torná-lo visível aos olhos de seu público e lucrar com isso. Importa ainda menos se o/a autor/a está doente, se comeu ou se pagou a conta de energia do mês passado. No entanto, importar-se com o outro para além de sua escrita literária é também um traço do “fazer literário conjunto”, que tanto é caro às diferentes denominações, do tipo literatura trans, atuante, literatura de favela, negra, feminina, feminista, indígena etc.

Assim, uma primeira consideração no que concerne à afirmativa do *post* é a atitude que vai além do próprio umbigo e reverbera no outro e em outrem. A literatura periferia é coletiva acima de tudo porque se interessa pela tragédia dos comuns da qual faz parte. E Márcia, ao afirmar-se como escritora trans, que faz literatura trans, pretendeu enfatizar essa coletividade de que faz parte, que em suma é um “fazer literário conjunto”.

### **O que é o fazer literário conjunto?**

Para aprofundar ainda sobre literatura periférica e/ou marginal, parto de um ponto crucial, o conceito do “fazer literário conjunto”, já que a própria definição dessa arte escrita marginal, de viés comunitário, é algo polêmico. E, falando em polêmica, a que tratamos começou singularmente em 1988, no ano de criação da Constituição Federal, quando Antonio Candido, em seu trabalho *Direito à literatura*, legou a todos uma brilhante definição da arte da escrita engajada.

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático, em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. [...] Vista desse modo, a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado (CANDIDO, 1995, p. 112).

Aqui o autor, além de retirar a alienação do conceito, direcionou-se a demonstrar a utilidade da literatura enquanto ação social. Segundo ele, a escrita serve como algo positivo de se executar em contraposição àqueles que enxergam as letras como simples

ato de produção de livros físicos ou digitais, sem levar em consideração outros aspectos complexos que formam o mundo da literatura, como a atitude e o engajamento do viver em si, e não para si (SARTRE, 2010).

Habitamos um Estado onde ler e fazer literatura tem sido algo apropriado historicamente por classes dominantes, como o é em todo o Brasil. Só que essa realidade vem mudando de maneira objetiva. Com a democratização de multiplataformas digitais, as quais são operadas em boa monta por tecnologias de bolso (*gadgets*), conjuntos populacionais locais ora alijados do consumo e da produção da arte da escrita, a saber, jovens de periferia (caboclos, indígenas, negros, mulheres, trans, LBTQIA+, etc.), estão conseguindo acesso e realização pessoal.

Noto, portanto, uma verdadeira mudança em relação à disseminação desse modelo de arte, uma mudança oriunda justamente do “fazer literário conjunto”, que está construído nas periferias, na marginalidade literária. Essa atividade do todo, agregada, por assim dizer, tende a ser servir como “ação literária ativa, tal qual um estranho pião, que só existe em movimento, e para fazê-lo surgir é preciso um ato concreto que se chama leitura e ele só dura enquanto essa leitura puder durar” (SARTRE apud COMPAGNON, 2009, p. 148).

A noção de “fazer literário conjunto”, assim sendo, nasceu e floresceu da interpretação do conceito de alienação do trabalho, que para Marx (2013) consiste no distanciamento do trabalhador do produto de seu esforço, sendo por certo isso o que acontece no âmbito da literatura branca e patriarcal, gerenciada por editoras — que representa aquilo que a literatura de periferia quer combater.

Eu sei que o mercado editorial pode trazer alguns benefícios, certamente, como se responsabilizar pelas tarefas árduas de edição, correção ortográfica, distribuição do material, divulgação, vendas etc. Só que, em contrapartida, boa parte das empresas que trabalham com o ramo da editoração livresca no país repassa a autores/as apenas uma pequena parcela do que arrecada com o processo de venda de exemplares. E ainda assim há as que tomam conta do produto e impossibilitam que autores/as tenham liberdade em relação à escrita.

Ou seja, o escritor e a escritora (trabalhadores das letras), que têm a ideia e conseguem colocá-la no papel de maneira atrativa, artisticamente válida, com o registro do processo resultante no livro (produto), e que entregam seu material a uma editora, esperam que ela faça bem o restante do serviço e até as vendas. Porém, nesse trânsito de negócio, pode ser que tais autorias ganhem somente uma pequena parcela do que produzem,

ou às vezes nem isso. Então, aqui, configura-se um grande problema! O do distanciamento de autores e autoras de suas artes.

Essa é uma discussão antiga, sobre a exploração do capital intelectual e produtivo por parte de editoras no Brasil, e assumo que seja uma discussão cujo diferencial da literatura periférica é o protagonismo absoluto na execução da criação e do processo de esforço do autor. Na literatura de periferia, reafirmo, é justamente o “fazer literário conjunto” que se encarrega de criar o material em sua completude, desde os escritos, colocando-os no formato que deseja repassar ao consumidor, após editá-los, ilustrá-los (caso deseje), imprimir-los, copiá-los, divulgá-los, distribuí-los e vendê-los, até a administração de lucros e prejuízos. Assim, ao final dessa cadeia dinâmica, o resultado fica 100% com a autoria e todo o risco é assumido logo na concepção das obras, assim como todas as benesses que se venha a colher.

Portanto, sei o quanto o trâmite dialético das artes literárias marginais é espinhoso e duro. Mas não deixo de afirmar que o papel fundamental do “fazer literário conjunto” no fortalecimento dessa cadeia independente de ação e no apoio ao trabalho coletivo de autores autônomos é a agregação do ato, é o engajamento gerado. Dessa feita, penso ter abordado um segundo aspecto a respeito do *post* que questionou a “literatura trans” de Márcia em seu conceito significante, que a meu ver é um aspecto altamente atado às raízes da luta de classes e que se insinua também na literatura da periferia.

### **A revolução da literatura marginal: o caso de Márcia**

Ainda sobre a questão da literatura trans, importa pontuar que Manaus teve alguns movimentos literários de suma importância para a cultura do Estado. Um deles, o Clube da Madrugada, que foi uma associação de escritores fundada em 1954, sob influência da Semana de Arte Moderna brasileira. Desse clube, surgiram influentes escritores, como Thiago de Mello, Márcio Souza e Anthístenes Pinto, entre demais, cujas obras foram traduzidas para vários idiomas e deixaram legado na literatura nacional. Mas em nenhum momento o Clube da Madrugada conseguiu fomentar debates acerca da sexualidade de autores/as em função de seus escritos, até mesmo porque se trata de um tema atual, contemporâneo.

Sobre isso, mais recentemente outro movimento importante e ao mesmo tempo controverso foi o de literatura marginal amazonense, de base periférica, impulsionado por autores da Revista Sirrose, que tocaram na questão da sexualidade a partir da composição de Márcia Antonelli junto às fileiras autorais desse grupo, por assim dizer, filosófico-

literário. Surgida no início dos anos 2000, fruto da iniciativa de autores independentes, a revista visava publicar o impublicável, ou seja, alargava seu olhar para o trabalho de literatos autônomos, sem lastro de dinheiro para publicações em editoras, e até mesmo em situação de vulnerabilidade social, apartados da classe média ou rica da sociedade. E contrariando expectativas e enfrentando até mesmo o mercado editorial local, escritores *outsiders* da Sirrose conseguiram a façanha de lançar dez edições da revista recheadas de todo o tipo de literatura (de protesto, erótica, policial, surrealista, concretista etc.).

Nas publicações, participaram dezenas de escritores e escritoras de variados estilos, inclusive de outros Estados do país. A revista chegou também a ser base de pesquisas dentro da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e da Universidade Federal do Amazonas (Ufam), além de ser documentada em plataformas como Youtube e Facebook. Fonte de inspiração para muitos artistas, a Sirrose foi o palco literário do desabrochar de inúmeros talentos, incluindo-se da literatura trans, que defendo enquanto pauta de significantes estruturais contemporâneos. A revista foi o maior exemplo amazonense do “fazer literário coletivo” da história.

Por meio da Sirrose, ao surgirem escritoras como Márcia Antonelli, romancista e contista independente, foi possibilitado a ela acesso ao universo da produção literária, o que dificilmente ocorreria não fosse a verve da divulgação de escritos nascidos em periferia, para a qual a publicação se destinava. Assim sendo, o que penso ser destaque é em suma o fato da produção de Márcia, realizada com poucos recursos financeiros, sem os aportes da Sirrose, acabaria confinada a nichos sociais, se muito. Com isso, saliento positivamente que houve o protagonismo periférico e marginal da autora a partir da revista e foi um protagonismo ímpar, veiculado *aqui de baixo* pelo “fazer literário conjunto”.

Mediante a Sirrose, viu-se que a literatura de Márcia, com seus exímios escritos, impressionava não apenas pela qualidade, mas pelo estilo de construção. E ela vive hoje *literalmente* de literatura (perdão pelo trocadilho inevitável), sendo que sua trajetória começou na Universidade Federal do Amazonas e deslanchou com a criação da revista, da qual é uma das fundadoras. Dessa escrivência (escrita vivenciada) é que retira suas experiências, sendo hoje potencializada depois de anos labutando no mercado literário e ainda mediante ter assumido sua sexualidade abertamente e operado sua arte segundo a importante bandeira, a da transexualidade.

A autora é, sem dúvidas, a única representante na ativa dessa vertente literária no Estado do Amazonas e suas obras traduzem o cotidiano nas ruas de Manaus. Márcia

se utiliza única e exclusivamente da venda de seus livros para sobreviver. Ela existe e transcreve experiências nos textos que planeja, elabora, cria e organiza. É a responsável por editar e diagramar o material, fazendo a *boneca* (matriz para impressão), reproduzindo-as em cópias e saindo pela cidade, de pessoa em pessoa, para vender seus livros. Com o dinheiro arrecadado, retorna e refaz o mesmo caminho: viver, escrever, planejar, executar, sair, vender, viver...

Tomando por destaque esse trabalho da escritora, aqui em parte suscitado, e voltando ao mote do nosso ensaio, a questão de Márcia ter sido interpelada nas redes sociais por se denominar “escritora trans, que faz literatura trans”, afirmo um outro conceito, o de emancipação (HONNETH, 2009). Emancipar, para Honneth (ID. op. cit.) é permitir-se crescer segundo protagonismos auto-sustentados, vividos e narrados, os quais certamente a literatura é capaz de fomentar. Então, destaco firmemente, que se entender, assim, como mulher capaz de assumir o controle da vida, alterando o destino que o capital havia lhe imposto e ainda inspirando mudanças coletivas, foram atitudes sensíveis e ferramentas poderosas de transformação social forjadas por Márcia em seu íntimo.

A emancipação da autora dialoga com o “fazer literário conjunto” e com ideia de literatura *aqui de baixo* na medida em que, em seu ofício de escrever, noto um ato libertador consciente pautado de modo singular. Dessa feita, se Márcia simplesmente abraçou seu destino — e estamos aqui falando de uma escritora periférica —, o fato é que aí está uma escritora com potência e sentimento de comum, o que possibilita o nascimento de novas vertentes de interpretação na literatura.

Então, quando Márcia nomeia sua produção como “literatura trans” ela o faz porque existe uma questão social por trás de si e do mundo do trabalho em que vive. Uma questão de classe e do eu. Portanto, noto que o posicionamento narrativo da escritora reflete o que ela enxerga em sua trajetória, dentro de um contexto de ação audaciosa que se processa dentro de sua dimensão histórica contemporânea, que também é uma dimensão do Estado do Amazonas.

## **Conclusão**

Considerando o que sublinhamos até o momento, entendo que a conclusão possível para o ensaio é essa: os comentários e as questões colocadas por uma seguidora na publicação de Márcia Antonelli não se sustentam em si mesmos, dado não abarcarem entendimentos amplos, ancorados na história de vida da escritora, e nem tomarem em



conta uma problemática que é global, a da luta contra a homofobia (LGBTQIA+fobia). Outrossim, sobre ambas as temáticas, vejo que a literatura trans é um tipo de engajamento artístico e de existência (como inúmeras vertentes da escrita), bem como se percebe entre demais segmentos — literatura negra, do morro, feminista, indígena etc.

Com a contribuição da literatura engajada, de Márcia, defende-se o hasteamento de uma importante bandeira social, entre tantas, não apenas para o indispensável registro histórico de tais mudanças, mas também para o relevo de diferentes realidades existentes nas camadas sociais da sociedade amazonense, até então inacessíveis devido às barreiras subjetivas e físicas. Além disso, ao conceituar e desenvolver esse tipo de literatura, a trans, foi possível trazer à tona uma gama de debates necessários para uma nova revolução humana, orientada para a diversidade de gênero e sexualidade ativa.

Penso, por fim, que os supostos rótulos, longe de serem definidores, representam toques de enriquecimento para a literatura da escritora, deixando-a mais atraente não apenas para quem lê, mas para quem tem vontade de produzir essa mesma literatura, ou seja, para quem com ela se identifica, vide o exemplo de transformação individual e social que a Revista Sirrose proporcionou a escritores e leitores como um todo no Amazonas. É um tipo de envolvimento que aborda parâmetros artísticos e humanos, sendo capaz de incentivar a emancipação individual, bem como se afirmou a partir do “direito à literatura”, citado no trabalho de Antonio Candido.

Em suma, é preciso atenção para qualquer censura prévia, de crença, de atitude, de valor ou de ideologia. Escrever literatura e denominá-la de literatura trans não ataca a humanidade de ninguém. Ao contrário, promove inclusão e fomenta discussões sobre pluralidade de pensamento e participação no mundo, granjeando diferentes olhares sobre os outros e sobre si.

## **Referências**

BRANDÃO, GEIZYARA. “A literatura trans deveria ser mais atuante”, diz escritora amazonense Márcia Antonelli . In Canal Três, 12 de abril de 2022. Disponível em: <https://canaltres.com.br/a-literatura-trans-deveria-ser-mais-atuante-diz-escritora-amazonense-marcia-antonelli/>. Acessos em 24 de abril de 2022.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: \_\_\_\_\_. Vários escritos. São

Paulo: Duas Cidades, 1995.

COMPAGNON, Antoine. Literatura para quê? Belo Horizonte: UFMG, 2009.

FREIRE, Paulo. Educação como Prática da Liberdade. 18ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HONNETH, Axel. Luta por reconhecimento: a Gramática Moral dos Conflitos Sociais. Editora 34, 2ª edição, 2009.

MARX, Karl. O capital [Livro I]. Crítica da economia política. O processo de produção do capital. Editora Boitempo, 2013.

SARTRE, Jean-Paul. O existencialismo é um humanismo. Editora Vozes. 2010.